N.º 50 (172) — 4.º ANNO

Terça-feira, 24 de Outubro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
38, Rua da Conceição da Gloria (Á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

Mau ensaio

O grande maestro julga-se um talento, mas só consegue fazer sair fífias da gaita do aprendiz
e o Zé que gosta d'ouvir boa musica, espanta-se e com razão

Ao "Debate„

Este jornal que se publica em Santarem, deu uma eloquente prova da sua apoucada democracia; não admira, foi falta de chá em creança que o mesmo será que dizer falta de comprehensão da differença que ha entre homens e principios.

A proposito, d'um facto passado no jardim da Republica d'aquella cidade, com o nosso querido collega Joaquim Neves, larga-nos o coice que transcrevemos:

> «O outro, diz se collaborador do jornal «O Zé», mas isso não é para nós recommendação sufficiente, visto que aquelle jornal humoristico, com a mesma facilidade com que, para ganhar a vidinha, achincalhou os homens da monarchia, achincalha hoje os da Republica».

Ora vejam, ignoravamos que necessitavamos ir buscar documento de republicanos, ao Lyceu, onde, «O Debate» aprendeu a ler o Felix Pereira. Pobre «Debate», prova quanto é pequenino e que os costumes adquiridos quando creança, reflectem-se sempre!—fique «O Debate», com a sua doutrina puritana adquirida na Universidade de Cacilhas porque, nós continuaremos na linha que traçamos—doutrinando e definindo principios que, bem caro nos ficaram nos tempos em que talvez «O Debate», tinha grossa fatia á succulenta meza do orçamento.

Em volta da reforma ortografica

Entrevista com o «alfabeto» sobre as origens da desunião do partido republicano

V. Ex.as sabem já bem o que foi a reforma ortografica.

Uma especie de pomo da discordia caido no confraternal e ameno convivio da asneira portuguêsa em que viviamos.

Ora nós, umildes servos das letras... miudinhas, tipos useiros e veseiros no tipo 8 e 10, resolvemos esplicar aos leitores o motivo porque umas letras têm assentos e outras são desprovidas d'essas partes, bem como a questão da letra dobrada e meia... dobrada.

Para esse fim fomos ao João do Grão, o qual sobre letras nos diz que só conhecia a sua letra garrafal.

Surgiu-nos uma idéa. O Freire Gravador. Era elle, com todos os seus «ff» e «rr» que nos iria pôr os pontos nos «ii».

Recebeu-nos ótimamente, mas reenviou-nos para uma Escola Normal, pois as suas letras eram todas... muito estanhadas.

Lá, recebeu-nos o Alfabeto em pessôa. Espôsto o motivo da nossa ida sua ex.a começa elucidando-nos.

—«No tempo da outra senhôra a Monarquia das letras e tretas, salientaram-se na rude campanha contra éla duas vogais. O «E» e o «O». O «E» um parlamentar inegualavel pôs em fóco a ruina da monarquia e cavou-lhe a sepultura. O «O» enervador, com uma palavra revolucionaria enchia os peitos de esperança. Na camara um berrava aos adeantamentos: «E'! E'!» isto não póde ser!» O outro nos comicios bradava: «O' o ideal, a revolução ó!» Veiu a Republica das Letras e a inveja, o prestigio, a ambição vieram e fizeram a desunião do partido.

O «E» continúa a fazer: E'! O «O» foi fazer óó por estar peor da perna.

—E as outras vogais?

—Pouca importancia têm. O «I» é rebelde e necessita sempre de ponto... para os discursos. O «U» é de mais confiança.

—Na realidade todos dizem: No «U» é um descanço!

—Depois, começaram as economias. O Duarte Leite das letras, o C. de F. começou a cortar nos «pphh» e nos «cchh».

—E V. Ex.a concorda com essas supressões? Os «phosforos» sem «ph»...

—Descance que acenderão na mesma.

—E os eletricos sem «c»...

—Atropelarão sempre e não lesarão os acionistas.

Depois veiu a lei contra as acumulações. O «c» que é o que se usa mais em Lisboa foi corrido d'alguns logares Ele era da C. M. L. pertencia ao C. C., ao C. N. P., á C. C. F. e ao C. I. F. fóra outros clubs e centros. Calcule até entrou no W. C.

—Que porcaria...

—Não é o que V. Ex.a julga. O W. C. foi um dos ultimos governos da outra senhora, o Wenceslau-Campos Henriques.

Com a reforma temos a descontar o H do alfabeto. Estava velho não se sustinha nas pernas; com o seu tracinho no meio...

—Uma letra a descontar, percebemos. E letras falsas não tem?

—Temos. O W. E' meio inglesado. E o P. O «P» é traidor; é o Paiva cá da casa.

—Mas, o «P» não era matemático antigamente?

—Foi. Até se dizia: p... + 3 = 15. Depois gastou-se no anno p.p. com varias associações portuguêsas e parcerias como a P. V. L. e a U. V. P. e quando foi proclamada a R. P. fugiu para o Norte. Talassas houve que lhe mandaram bilhetes a. p. Mas ha de paga-las breve...

—E' o que se diz uma letra a pronto pagamento.

—De resto, o «D» queixava-se de só pedir...

—Só pedir?

—Sim. Todos dizem: D-me 5 réis, d-me isto, d-me aquilo. O «K» que se gastava, a andar n'um virote; eram todos: anda k, trás k, vem k. O «B» é muito dôce, um beijo de carinho, muito amigo das creanças; usa-se em janeiro a dar «b. f.»

—E o «Y»?

—Gastou-se com o sr. Camara Reys.

—Quanto ao X?...

—E' um pobre diabo que não possue uma de «x».

E' a letra que define o futuro da nacionalidade portuguêsa quando um só. Se são dois usam as damas. Ora veja: X X (chis-chis).

Agora um só, muito grande, é o nosso futuro. O eterno X. O partido, partido; a união desunida; os conspiradores a aguas no Gerez, o Duarte Leite a estender as massas... e o futuro sempre um X. E' o raio duma letra que deixa ver através de si um futuro indicifravel.

—Um verdadeiro raio X! rematámos nós.

E feitas as despedidas do estilo a tão letrado personagem—o alfabeto—viemos rua fóra até á redação, a pensar na idéa da escrita fónica, chegando a esta simples conclusão:

—Já é vontade de fónicar... o alfabéto!

Fulano de Tal & Manuel Vaz.

Ai nada que não!

E os jornaes a dizerem que os vendedores, não os vendendo, prejudicam a republica!

Prejudicam-os mas é a elles e por isso é que elles se arranham!

Viva a Republica!! Viva a China!!

PEKIN — 20. Estalou Bernarda. Grande charivari. Governador pró major. Arroz a 320 800 caxolas de mande... chús pululam pela rua. Rabichos a 40 réis o kilo.

PEKIN — 20. T. Uma granada entrou por um olho d'um carapau cegando-o por completo. O desgraçado estava tranquilamente fazendo a digestão no rio.

PEKIN — 20 madrugada. O Imperador está com ancias. Diz que vae obrar com energia.

PEKIN — 21. A cidade está a arder. Ganhou o premio a 18.

PEKIN — 21. Os «fortes» estão despejando «metralha» sobre a cidade. Rancho: feijão encarnado.

PEKIN — 21 T. Está proclamada a Republica em todo o Imperio Celestial. Deu entrada no hospital, o carapau que levou no olho a granada. Era de calibre 12.

PEKIN — 21 madrugada. Enthusiásmo doido. Bodos aos pobres. Musicas a tocarem. Foram encomendadas á casa Grandella, 100.000 bandeiras, de chita de 160 réis o metro.

PEKIN — 21 Altas horas da noite. O governo contratou 800 galegos, para virem ajudar á mudança de... regimen!.

ULTIMA HORA

O Governo do ex-Celeste Imperio, pediu ao Governo portuguez a extradição do «Mandarim Chinêz» aqui residente.

Lambisgoia.

Patria!!!

I

Ai, Patria; como tu és dôce e bella!
Como o teu nome angusto nos encanta
E guia como luminosa estrella
Em noite procelosa! Sacro-santa
Ara que o ser, a alma nos seduz
Em canticos d'amor e de doçura
D'onde irradia a esperança e a luz
Em fulgidos sorrisos de ventura,
Qual mãe que nos afaga no regaço
Em horas de vigilia, de cançaço.

II

E sendo tu a mãe tão estremecida
Que os filhos agazalha com amor;
Particula da nossa propria vida;
Sacrario onde temos de penhor
O nosso nome, a propria existencia!
Haverem filhos perdidos, vendidos,
Cravando-te no peito sem clemencia
O ferro traiçoeiro dos bandidos
Molhado no veneno dos negreiros,
De papas, de crueis aventureiros!

III

Ah! mas esses não são os filhos teus
Legitimos, que dão a propria vida
Por teu amor! Não. São parias, são réus,
São monstros; são a escoria prevertida;
A casta deturpada, criminosa;
Vergonteas damninhas; rebentões
De especie virolenta, venenosa;
Deshonra do teu nome; vendilhões
A soldo contra a nossa existencia
E contra a tua propria independencia.

Styl.

Fitas batidas

Como só hoje tivemos noticia de meia duzia de babozeiras cuspidas contra nós, em «O Debate» de Santarem, só hoje podemos responder ao seu anonymo auctor.

Claro que, se mais vale chegar tarde do que nunca, o republicanissimo e talentosissimo, articulista, não perde pela demora.

Os escarros pestilentos com que tenta achincalhar o nosso jornal, duvidando das suas convicções politicas, não pegam para cá.

«O Zé,» o successor do «O Xuão,» que tantas vezes teve a honra de ser chamado aos tribunaes por causa da sua politica republicana, está bem acima das baixas infamias de «O Debate» que desce a seguir os processos hypocritas e estupidos da imprensa jesuitica.

Nós, se quizesse-mos, poderiamos. com aquella irreverencia que nos caracteriza, mandar áquella parte o illustre rabiscador de «O Debate», mas não merece a pena, porque a estupidez que do artigo ressalta, basta para nos vingar do pobre diabo.

Não nos admiramos que gente sem instrucção e educação entenda que o respeito e veneração está nos chapeus e nas boinas. Mas, francamente, o que lamentamos profundamente, é que homens que deviam ser illustrados, porque vêem escrever em publico, tenham tanta falta de criterio, tanta auzencia de bom senso, que, em logar de educar o Povo, ensinando-o a ser tolerante, vêem desorientat-o, pregando lhe a doutrina do crè ou morres!

«O Debate» não só difameia como mente!

Nenhuma das duas pessoas que em Santarem foram apupadas pelos arruaceiros se inculcou heroe da Rotunda.

Foi a pessoa que escreve estas linhas que, fazendo justiça ao seu companheiro, José Silva, o inculcou como tal, e uma coisa é a gente gabar se de ser isto ou aquillo e outra muito differente é os outros dizerem-no.

Nós, como já o dissemos, não nos discobrimos à «Portugueza» porque não reparamos n'ella, como nao reparamos no resto do reportorio.

E sabe «O Debate» porque não reparamos no hymno? Porque estamos fartos de o ouvir, porque aqui em Lisboa ha «Portugueza» por todos os lados e por todos os cantos, de forma que a gente por cá já quasi que perdemos de todo esse costume.

Mas que não nos quizessemos descobrir de proposito? Onde é que «O Debate» vê a falta de respeito? Quem foi que lhe encaixou na pinha essa peregrina theoria de que levando a mão ao chapeu é que se respeita?

Ora o diabo não tem somno, seu «Debate»!...

Se você tivesse estado na Rotunda n'aquelles epicos dias da revolução (pouco mais ou menos na occasião em que você e os republicanos d'ahi deixaram marchar sobre Lisboa as baterias de artilharia 3) pois se você cá tivesse estado, eu queria ver o que fazia se visse revolucionarios de chapeu na cabeça, a escutarem o hymno nacional que, pela primeira vez, depois de rebentar a revolução, ali foi tocado por uma banda regimental.

Naturalmente punha se a chamar «thalassas áquelles que tinham feito a revolução. Não é verdade?!

Segunda vez mente descaradamente «O Debate» quando diz que um de nós disse «que não se descobria ante o hymno nacional,» pois que em povoações, como em Alpiarça, o povo não estava contente.

Isto é mentira, senhor articulista.

O que se disse foi: que o acto de tirar o chapeu não significa respeito por coisa alguma (respeito que só pode existir no intimo das pessoas, e não nas exteriorisações, as mais das vezes hypocritas) e que era melhor que o Povo em vez de andar a ver quem tirava ou não tirava o chapeu tratasse de si, se unisse e defendesse, dando o seu auxilio aos seus irmãos em gréve, como por exemplo, aos trabalhadores de Alpiarça, que nos haviam informado na vespera estarem soffrendo perseguições.

A' intolerancia e ignorancia de «O Debate» avoluma se quando diz que nós somos tão republicanos como elles são budhistas.

E depois que tinha que não fossemos republicanos?

Eramos «thalassas»?

Então quem não fôr republicano é logo «thalassa»?

O' seu «Debate», você tenha paciencia mas ha de concordar que diz ali muita asneira junta!

Então você «avesa» tanta fartura de ignorancia que não conhece mais ideaes do que o republicano e o monarchico?

Pobre palerma que «você» me sahiu!

Pois nem sequer reparou que a turba que nós seguiu, e que cobardemente nos queria agredir, era composta de arruaceiros sem consciencia do que faziam?

«Você» não viu que elles nos vinham a accusar de «paivantes, traidores e conspiradores» e que só por se lhe terem mettido á frente meia duzia de sargentos de artilharia, estacaram e deixaram nos fugir?

Nós gostamos de ver o Povo agitar-se e protestar (como tantas vezes se tem visto aqui em Lisboa) mas é quando tem a consciencia dos seus actos. O Povo quando taes manifestações faz, deve saltar por cima de todos os obstaculos para alcançar o fim que tem em vista.

Diga-nos o «Debate», digam nos todos os que teem o juizo no seu logar, que republicanos e defensores da republica eram aquelles que nos seguiam, se assim nos deixaram fugir, nós que eramos os «thalassas, os paivantes, os conspiradores, os inimigos da patria?»

A republica bem podia dar uma medalha de cortiça a tão ardorosos e valentes zeladores!

Então, coitados, deixaram fugir os «thalassas» pela mesma razão porque em outubro deixaram fugir a artilharia em direcção a Lisboa!

Para findar, diremos que os processos jornalisticos de «O Debate» se definem na fórma como trata o illustre jornalista João Arruda, director de «O Correio da Extremadura».

Chama-lhe ex-aprendiz de typographo.

Como se fosse algum desprezo ser-se aprendiz de qualquer officio honroso!

Profissional e typographo e portanto ex-aprendiz, foi o erudito philosopho e venerando presidente do governo provisorio, dr. Theophilo Braga, uma das mais poderosas intellectualidades do mundo culto e tomára o infame rabiscador de «O Debate» poder chegar a ponta da lingua viperina, onde elle põe as solas das botas!

*

Aquella dos cadetes da escola do exercito andarem a vender «A Capital» é de primeirissima ordem.

Olhem que a gente já nem sabemos quantas patrias temos.

Acreditem que lá n'esse capitulo não sabemos às quantas andamos.

O exercito, segundo elles dizem. instituiu-se para servir a patria mas sempre que uma companhia poderosa, um syndicato ganancioso precisa dos seus serviços elle vae, reverente, por-se ao seu dispor.

De maneira que ou elle não foi feito apenas para defender a patria ou todas aquellas grandes companhias são patrias nossas.

Se assim é, já tivemos por patrias o syndicato dos electricos do Porto, a Companhia União Fabril, «A Capital», etc., etc.

Os cadetes armados em «ardinas» estavam mesmo a matar!

Uma parodia!

*

Temos aqui um postal chegado mesmo agora, a saltar todo escamado, porque um automovel com jornaes do «Mundo» desceu a rua do Carmo, não respeitando a recente postura da Camara.

Camaradinhas, a lei de funil, está pouco disposta a largar nos de vez!

Se fosse uma modesta carroça, guiada por qualquer pobre diabo, claro que voltava logo para traz se não fosse logo recambiada para o Governo Civil, e autoada fortemente, mas como era um automovel, com jornaes do colosso de S. Roque, aquillo passou, a impar de importancia, deslisou todo vaidoso, e deu uma bufa de gazolina nas ventas da auctoridade!

E ella, coitada, se se vae a empinar com os graúdos apanha cada descasca!...

JOAQUIM NEVES.

Safa!

Com que então os bloquistas são a «philarmonica dos lagartos« e os democratas o «solge dó dos crocodilos»?!

Calculem vocês se elles não hão-de desafinar e assassinar a Portugueza?

!!!

Houve ahi grande chinfrim,
Houve grande agitação,
Uns desejam «isto» assim,
Outros dizem que assim não!
E' tão teso este canudo,
E' tão grande a confusão
Que se emprega para tudo
Ponto de interrogação!
Anda á bulha o Joaquim
Mais a Rita do Feijão,
O patrão berra que sim
E a patrôa diz que não!
Nas arcádas, pstarim,
Tambem lavra a confusão:
O Almeida diz que sim
E o Affonso diz que não!
E' deveras estridente
Esta grande animação,
Que até já o «Intransigente»
Transigiu como um... ratão!
Quem quizer ter cabedaes,
Aproveite a occasião:
Tudo vae vender jornaes,
Só o do bombo e que não!
Os jornaes do Bairro Alto
Fizeram combinação:
As gazêtas a pataco
E as sóbras a meio tostão!...

Bolas!

Agora andam em manifestações uns contra os outros e os paivantes a dizerem que já não teem medo de Lisboa, porque em breve reina cá a anarchia.

Está tudo doido ou não está?!

A SERRA DA CORÔA E OS SEUS HABITANTES

Afinal isto bem analysado não é mais que uma grande miseria! Se esta porcaria me entrasse para o corpo era um ar que me dava...

Hora suprema

Com aquella friesa propria da investigação, com a calma que nos ensina a desilusão apóz tantos annos de desventuras e ingratidões, com a auctoridade que nos investe a qualidade de vencido, entregamos o nosso raciocinio e ponderada meditação, a uma analyse consciente a este periodo historico tão nublado porque vem atravessando a patria d'este grande, d'este bom e incomparavel soffredor povo portuguez.

Na ancia devoradora de procurarmos luz que guiasse o nosso espirito, iamos febrilmente abrindo as folhas da historias da evolução politica porque atravessou a França, quando, em 1870 se viu impelida por todos os lados para a guerra.

Lendo e relendo tambem a historia da proclamação da republica em Hespanha, nada encontramos que nos levasse a um ponto lucido para assim, pudermos comparar esses agitados periodos de transformação politica aos que ora atravessa Portugal.

A revolução franceza, a propria restauração da monarchia em Hespanha após 13 mezes de republica, não regista nas suas paginas, umas de gloria, outras escuras e retintas de sangue, nodoa tão infamante como a que vae abrir o inicio da historia contemporanea da patria de Camões! A historia da republica portugueza, tendo a registar em paginas d'oiro o heroismo e a abnegação do seu povo, tambem tem que registar a traição de filhos seus que, pretendiam sujeitar o paiz ao jugo estrangeiro que o mesmo será que dizer ao seu assassinio para assim disporem do seu cadaver! Já o dissemos e não será demais o repetil-o:—não é a figura simples de Paiva Couceiro quem, com o **seu prestigio de valoroso** soldado ás ordens d'um rei e não da nação que lhe pagava, o heroe da aventura na reconquista do poder do throno e do altar; como não são tambem, os salvadores da republica, os senhores a quem o povo de braço nú e arma na mão entregou o paiz, livre dos vendilhões da dignidade nacional, que tão cobardem nte desappareceram desfeitos no sisco das suas miserias e no pó das suas vergonhas!—a Republica, é obra do povo, e pelo povo foi conquistada; elle e só elle, por ella tem velado; se não fôra o carinho e o amor d'este grande povo que se chama portuguez, rodeando a obra de 5 d'outubro, quantas vezes teriamos perdido a republica? Sim, quantas vezes. Tantas teem sido as asneiras, tantas as tricas entre os que dizendo-se orientadores da multidão, dizendo-se investidos do poder pela eleição e vontade suprema do povo, apenas teem dado ao paiz inteiro a noção bem clara do seu egoismo e da sua ambição! E n'esta lucta de homens, n'esta trica de politiquice reles, indigna d'um povo que soube conquistar a sua emancipação de arma na mão e a peito descoberto—provam ao mundo que nos espreita, que em Portugal, acima da grandeza dos ideaes, acima do prestigio e segurança dos principios em nome dos quaes destruimos palacios, arminhos e privilegios para doar ao paiz uma vida nova—estão os homens que se transformaram em idolos, para os quaes não ha corôa de Esquino ou Demosthenes capaz de supportar os loiros dos seus feitos.

Não deve ignorar o paiz, quanta irreflexão presidiu aos actos do governo provisorio; dizer o contrario, será negar a existencia da verdade. Comprehende-se e admitte-se, a existencia de tanto erro praticado por rasões varias que o momento não permittia emendal-os; o que hoje, passados 12 mezes sobre uma revolução saída da praça publica não se admitte em nome do prestigio e honra da Republica—é a continuação d'uma vida de erros e de favoritismos; o que o paiz não quer, é esta lucta de gallos que nos conduzirá á major das fallencias para não dizermos á maior das vergonhas.

Restrinjam as suas ambições, submettendo-se á ordem, sem ella, não poderá caminhar a Republica a sua marcha; não desacatem o prestigio da obra de 5 de Outubro, não dêem ao estrangeiro a esperança d'um desengano, provando que a Republica se vem sustentando das rivalidades dos aulicos, provando ainda que, não sabem corresponder á grandeza dos sentimentos d'este povo, e que herdaram da velha monarchia o seu valor e costumes!

Qantos partidos ha no paiz? Quantos ha na camara? Perante o paiz, conhecemos dois partidos e innumeras facções; na camara um partido e uns poucos de illudidos.

E' esta a Republica, é assim comprehendida a restauração da Patria, é assim sustentada a revolução vencida pelas armas, esquecendo-se que receberam o paiz cheio de esperanças para o vermos hoje a caminho do desalento e do abatimento?

A situação é grave, e emquanto os organisadores preparam projectos para salvarem o paiz dos vendilhões da dignidade nacional, outros ha que pela oblação e pelo sortilegio, procuram entorpecer a marcha d'esses projectos, como se não soubessem, que n'esta hora suprema de lucta entre irmãos, acima do egoismo e do despeito, acima da maldita popularidade, está a salvação da patria. E ella, só se obterá pela decretação de duras leis que subjugarão o sapo damninho que em paiz estranjeiro procura pela lucta com a nação, derrubar a conquista de 5 d'outubro para legitimar com explendor, com magestade, esse throno que então desappareceu desfeito diante das suas mizerias e vergonhas.

Eis a situação de Portugal!

ARIEJNARAL

Ganharam!

Ó meninos digam-nos lá agora aqui á chuchacaladinha: n'esta coisa da gréve qual é que foi mais amigo dos trabalhadores, foi «A Nação» ou os jornaes republicanos?

Tenham santa paciencia mas d'esta vez os «thalassas» portaram se melhor do que os jacobinos! Deram mais um real aos vendedores...

Fallemos claro

Todos os jornaes, referindo-se a Leal da Camara, o nosso mestre da caricatura, o leal, o ardoroso republicano nunca desmentido, dizem, que tendo vindo a Portugal para saciar a nostalgia da patria, volta para Paris; os seus admiradores, despediram-o com uma festa rija que metteu recita no theatro Republica, onde a verborreia deu largas ao estylo e os abraços foram aos centos; e assim marchou aquelle «bello vivan» do Leal da Camara para o grande coração da bella europa.—Paris! oh Paris Paris, mar de belleza e de encantos mil! Mas sem duvida, que Leal da Camara, preferiria uma isca do Magina, a uma succulenta ceia n'um cabaret da bohemia parisiense. Ora, a verdade é tudo, e porque não havemos nós de dizer que Leal da Camara, partiu para Paris por não poder adaptar os seus merecimentos artisticos n'este nosso acanhado meio onde, o artista, o poeta, o litterato, hora a hora mendigam o pão para a sua existencia! E' triste dizel-o mas é realmente verdadeiro. Leal da Camara, fugiu para Paris, por não poder viver na sua terra.

E' o dizes!

«A Capital» diz que n'esta occasião os jornaes são muito precisos porque o povo exige que digam tudo o que se passa no norte.

Exige, exige, mas elles é que se estão nas tintas para lh'o dizer!

O CONFLICTO DO BRAZIL

E' um assumpto, que pela transcendencia que o reveste, não podemos deixar d'elle nos occupar com toda a imparcialidade, pois que não nos cegam idolatrias.

A consideração que tributamos ao sr. dr. Antonio Luiz Gomes, não é em cousa alguma superior ou inferior á que nutrimos pelo sr. dr. Alexandre Braga; ambos são republicanos, e com a frieza que nos ensina a analyse da critica aos actos dos que prevaricam, breve nos occuparemos d'este conflicto bem pouco proprio no periodo historico porque vem passando os destinos de Portugal.

ESSA AGORA!...

A Camara Municipal, na sua ultima sessão, resolveu não consentir paus de bandeira empinados nas janellas da cidade, quando estes paus não sejam acompanhados das respectivas licenças, emolumentos, lei do sello, reconhecimentos e o diabo que os carregue!

Esta não lembrava ao demonio!

Então só podemos ter o pau de fóra no dia 5 de outubro ou quando v. ex.as quizerem?

Se é por causa da «esthetica da cidade» (conhecem esta senhora?) tão prejudicial é termos o pau á fresca n'esse dia historico, como n'outro qualquer. Não se comprehende que tenhamos o pausinho escondido quando o pau foi feito para se mostrar. Além d'isso esta cidade é a cidade das festas e quando mal nos precatamos apparece uma, de modo que para maior realce e rapidez na cooperação de todas as funcções é muitissimo conveniente termos o pau espetado na janella. Além d'isso o que tem a Camara Municipal com o cacete de cada um? Acaso a digna vereação paga a licença do pau de bandeira que tem espetado na frontaria do edificio? (Não confundir com outro pau que lá está espetado de sobresalente, que este para se arvorar não precisa de licença).

Deixe, portanto, a illustre camara estarem á vista o paus que ha por essas casas de Lisboa e deite os olhos para outra coisa porque com franquêsa, um pau de bandeira não é coisa tão importante que seja digno de andar debaixo d'olho.

Trasèrmos o pau de conserva!...

Isso é bom para o sr. Braancamp, que já tem não sei quantos annos!...

Do Século

PAMIRA

Emfim! Parecia sentir prazêr mettêr-me alma no inferno. Obrigado. Alvarães 16. Fafe e Foja Brunhêda araz á segunda depois de 23. Vizeu. Muito lhe peço.

Com que então a Dulcineia,
N'um sorriso doido e terno,
Toda de prazeres cheia,
Metteu-lhe a alma no inferno!
Não dê isso a conhecêr,
Deve até passar lhe um véu,
E se quer tambem prazêr,
Mètta lh'a você no céu!...

Idem.

FELICIDADE

Maria. Porto 22.

Cautella! Vá devagar!
Que o caso póde sêr tôrto!
Deve sêr mau namorar
Esta Maria do Porto!...

TOMA!

Pois sim, senhores! O discurso do sr. Celorico Gil sahiu fóra de toda a espectativa!

Até parecia José Estevão, tal foi a Verborreia!

D'esta vêz merece aquillo que quiseram offerecer-lhe no Algarve. Uma especie de tinteiro monumental só com uma aza...

Viseira carregada

Decididamente Portugal continua a sêr o paiz das coisas phantasticas e mirobolantes. O que se está passando com a execução a fingir da nova Lei de Instrucção Primaria attinge fóros de verdadeira paródia. E assim, ha sete mezes publicada aquella Lei não se sabe ainda, á data em que estas linhas escrevemos, onde irá funccionar a nova Escola Normal, base fundamental da reforma da Instrução Primaria, apesar dos esforços verdadeiramente herculeos do seu director, que esbarram contra a indolencia, senão má vontade das instancias officiaes, ainda atacadas, ao que parece, do «virus» da politiquice e do relaxamento. Sinceramente declaramos que isto nos entristece em absoluto.

Não haver ainda por esses ministerios, homens devotados com verdadeira vontade a fazer progredir este desgraçado paiz, deixando á matroca um assumpto de tão magna importancia como é o da sua Instrucção, dá-nos razões de sobejo para de tudo descrer, passando a considerar tudo palavrorio e só palavrório. E até, coisa pasmosa para aquil o que sempre se faz com pressa, para as nomeações do pessoal, que indispensaveis e urgentes são tambem, o descuido tem sido igual, apesar do enorme regimento de directores geraes e chefes, que pontificam nos assumptos pedagogicos em Portugal.

Só nos resta vêr o anno de 1911 decorrido, sem que esteja a funcionar a nova Escola Normal e sem que dê verdadeira execução á Reforma, pelo menos na parte que tem de bôa, que manda a verdade se diga, é a sua maior parte.

Energia e boa vontade, senhores!!

ARTHUR NEVES

♣

Grande Salão Foz

Depois de sofrer grandes modificações que o tornam muito mais agradavel abriu novamente as suas portas ao publico este animatographo da Calçada da Gloria. Os numeros de variedades escolhidos para estrearem a nova época são do que temos visto de melhor no genero. A empreza continua a ser de Andrade Piteira, a quem desejamos todas as prosperidades, a direcção artistica esta como sempre a cargo de E. Custodio pelo que felicitamos o publico que assim lhe estão garantidos numeros de variedades sensacionaes.

♣

Doutrina de frei Thomaz

E' da sebedoria dos povos que, frei Thomaz dizia do alto do pulpito: «Reparae para o que vos digo e não olheis para o que eu faço!»

Rapidamente, nos occorreu á mente a doutrina de frei Thomaz quando, analysavamos o substancioso artigo editorial do «Seculo», subordinado ao titulo — «O Deficit.»

Como rimos santo Deus, ao vermos que elle aconselhava o povo a não estranhar que o orçamento não podesse representar nas suas cifras uma indicação de magnifica vida economica. Falla da revolução, das gréves e o que é mais grave da conspiração; lembrando quanto caro teem custado ao paiz estes factores inesperados.

Preparando o paiz para receber de braços abertos o enorme «deficit» que nos sobrecarrega, o «velho amigo do povo, da rua Formosa,» n'um gesto de rasgada eloquencia rhetorica diz:

«O paiz deve contar com elle, em virtude d'este axioma que uma revolução se não opéra com flôres e beijos».

Sim senhor, bem fez sempre o «amigo devotado» do Zé albarda que, operava as suas bellas manigancias com rhetorica de drogaria, buscando elixires para todos os paladares; só quando lhe chegou ao nariz o cheiro a esturro, é que deu umas lambuzadellas de democracia na doutrina da casa e na gaveta do já recheado cofre para onde entraram tantos favores saidos da cornucopia governamental.

O povo portuguez, sabe bem quanto lhes teem custado os incidentes que lhe creou a convulsão politica de 5 de Outubro; o que elle exije, é toda a verdade custe o que custar e o que é mais importante, precisa saber que rasões justificam a creação de tanta conexia onde se anicharam os pedintes que fizeram da republica a escada para o seu egoismo e desmedida ambição.

O editorial do «Seculo,» não só pela sua logica mas pela antecedencia do sermão, faz-nos lembrar aquella honra tão apregoada por um capitão de navios que, mais tarde se apurou ser um pirata.

Guarde o «Seculo» o seu latim e lembre-se do passado que e bem melhor.

♣

Noites de inverno

As noites do **Chiado Terrasse** são de franca alegria, do maior enthusiasmo. Não admira que tal succeda, quando se apresentam fitas como «A herança de Testanillo», «O atirador de navalhas», etc. A empreza apenas está colhendo o louros merecidos pela sua constancia em bem servir o publico.

♣

Ao correr da fita

—Que tem, visinha? Porque vem a chorar?

—Isto não pode sêr! Vou-me divorciar!

—Que me diz?

—Não posso viver mais com meu marido. Bateu-me hoje, pela primeira vez na vida!...

—Oh!... E houve motivo para isso?

—Não, visinha, bateu-me sem rasão alguma...

—Então de que pretexto se serviu elle?

—Serviu-se... d'uma vassoura de cabo, com que ás vezes mato os mosquitos! Deu-me até fartar!

—Parece impossivel! E é d'esta maneira que os homens querem dar os seus direitos ás mulheres! Sim, porque a mulher é em tudo egual ao homem...

—Isso não é tanto assim! Mas lá quanto aos direitos, deu-me tantas pauladas que o pau ficou torto...

—Talvez fôsse um momento de exaltação! Elle não lhe pediu desculpa?

—Desculpa pediu, mas as pancadas que me deu não as pediu elle...

—Ora! Se já lhe implorou perdão, estão aqui, estão com as pases feitas!

—Isso nunca! Vou-me divorciar! Fico na minha e já não ha coisa que me faça andar para traz!

—E' porque elle chegou-lhe com força!

—Pois se não tivesse chegado, ainda podia passar por brincadeira! Mas não, deu-me como alma, o patife!

—D'essa maneira tem a visinha muita rasão!

—E depois o diabo da vassoura tambem o ajudou a ser bruto!

—Como?

—A vassoura é de cabo, como já disse! A's vezes quando quero matar alguma aranha no tecto, dou-lhe uma vassourada. Pois em dando mais duas ou tres vae a vassoura do cabo!

—Então aconteceu o mesmo com seu marido! Deu-lhe talvez trez vassouradas e saltou logo o cabo...

—Isso sim! Deu-m'as todas sem desencavar...

FALLA O MANUEL FANECA

Serviço e mais serviço--Sempre no giro

Vocês não conhecem o Manuel Faneca? Aquelle typo da praça, alto e magro, com bigode e pera côres d'ebano? Ah! bem dizia eu que não ha pessoa que não conheça o Manuel Faneca.

Pois bem, uma vez que sabem ser elle o cocheiro do 325, saberão que o encontrei uma d'estas noites frias e elle me disse que agora as noites estão de tres em pipa lá para a sua «industria». Desde que no **Colyseu dos Recreios** se estreou a já celebre companhia de circo, de que faz parte a troupe russa, a troupe arabe e tantas outras atracções que todas as noites levam ao elegante circo duas multidões de espectadores que ficam assombrados com as novidades que actualmente ali se apresentam, o 325 tem andado todas as noites n'uma roda viva.

—E olhe que o **Theatro da Republica** não é inferior em nos dar serviço. Tomára já que elle abra que é sabido que pelo menos uma vez lá irei todas as noites.

—E não me admira isso visto que o Visconde sabe organisar elencos e reportorios de forma a attrahir o publico.

E seguindo o conversa o Manuel disse-nos que se os theatros lhe dão serviço os animatographos não ficam atraz, tendo ainda ha pouco tempo levado freguezes ao **Salão da Trindade**, que não cessa de apresentar estreias magnificas e que além d'isso estreiou no dia 17 um sextetto de primeira ordem.

—E quer V. saber?, dizia-nos elle, accendendo pela decima vez uma beata muito rançosa, lá o visinho **Gymnasio** tem-me dado este anno bastas corôas. O amigo Valle escolhe peças com muita pilheria e tás a vêr, o publico sabe isso e enche-lhe a caza.

Lembramos-lhe a **Trindade** e o Fanequita piscou o olho, disse que sim com a cabeça e esfregou as mãos. E' preciso pôr mais na carta?

Novamente acceso o cigarro, elle foi-se referindo ao **Chiado Terrasse** que ás terças e sextas o toma por completo, ao **Apollo**, onde, segundo ouve aos freguezes, vae uma peça o «Ghico das Pêgas» que é do melhor que os nossos auctores teem apresentado e já não é uma nem duas as vezes que elle lá vae com freguezia e que voltam para traz por não terem logar.

A revista «Vá p'la esquerda» tambem lhe tem dado dinheiro, indo por vezes levar gente ao **Rua dos Condes**, e ao **Variedades** e **Theatro Infantil** tambem o Faneca nos disse já ter levado a tipoia.

Referiu-se tambem ao **Salão Foz**, lamentando que apresentando esta casa de espectaculos tão bellos programmas e tendo por isso tanta concorrencia se fosse installar n'um sitio onde não pode ir com o 325. Em compensação disse-nos que o **Central e Loreto** lhes estafam os pencos e que ao **Olympia** quando vae é só para levar gente da fina. Julgamos interessantes as declarações do Manuel Faneca e por isso aqui as estampamos. Na verdade a companhia do **Colyseu** é excellente e os outros theatros e animatographos actualmente esmeram-se por bem servir o publico e que, diga-se em abono da verdade, vão conseguindo. Chega a parecer incrivel que um animatographo possa apresentar estreias todos os dias e no entanto o **Salão da Trindade**, o **Chiado Terrasse** e o **Olympia**, além de outros, fazem-n'o.

ZÉ PIMENTA

Quem tem inveja arranha-se

E' o que succede aos da politica republiqueira, quando ouvem as manifestações de sympathia,
que eu faço aos que querem garantir-me o futuro